

CAÇORINO

comando

de Zemba a 10 de Junho



José Pedro Simões Caçorino Dias, nasce a 19Dez1937 em Évora; seu pai é militar. Conclui o curso liceal em Lisboa, no Liceu Dom João de Castro.

Em Nov56 ingressa na Escola do Exército e três anos depois termina o curso de Cavalaria, com o posto de alferes do QP.

– «O Estado-Maior possuía informações que apontavam para que, mais tarde ou mais cedo, se passassem nos territórios ultramarinos factos como aqueles que se vieram a verificar. Pelas medidas que se estavam a tomar era evidente um certo esforço de adaptação. Por exemplo, foram enviados oficiais portugueses à Argélia para observação 'in loco' do tipo de guerra que os franceses estavam a travar e procurou-se dotar os territórios de Angola, Moçambique e Guiné, de unidades de Caçadores Especiais (mais vocacionadas para a guerra no mato), e unidades de Polícia Militar (preparadas para a guerra nas ruas).»

No final de 1960 é mobilizado pelo RL2-Ajuda, para Angola.

Em 20Jan61 chega a Luanda no NTT 'Niassa', como comandante do 1º Pelotão da CPM/QG-3ªRM.

– «Na viagem iam também algumas famílias de angolanos com quem estabeleci relações de amizade. Eles próprios se interrogavam sobre as razões que levariam ao envio de tropas para Angola. Não lhes parecia haver qualquer necessidade disso pois a situação era completamente calma, e as relações entre brancos e negros absolutamente normais. Infelizmente acabariam por ser violentamente surpreendidos: de uma destas famílias, um dos irmãos foi morto barbaramente poucos meses depois, na Fazenda Tábi, tendo aparecido completamente esquartejado, a carne repartida por diversos alguidares.»

– «Na noite de 3 para 4 de Fevereiro (estando há poucos dias em Luanda, onde partilhava [junto à marginal] um quarto com um camarada, também alferes de cavalaria), sou subitamente acordado por ele: ouviam-se tiros em vários pontos da cidade. Primeiro pensei tratar-se de exercícios, mas rapidamente me dei conta que não era assim. Fardei-me, saí a correr e tomei um táxi em direcção ao quartel. Foi aí que tomei conhecimento do que se estava a iniciar.»

As informações, inseguras e imprecisas, começam a avolumar-se.

– «A circulação nos muceques passou a ser perigosa. Fizeram-se torneios de futebol entre equipas dos muceques e equipas da PM, entrando ali desarmados pela primeira vez depois do 4 de Fevereiro. Um jornalista do "Notícias de Angola" regressou e ficou pasmado perante o espectáculo.»

No quartel da CPM233 surge o topógrafo Matos, com experiência de 40 anos em território angolano, e informa sobre o estranho comportamento de populações angolanas com que ultimamente tem contactado: recomendam-lhe que vá embora; e sugerem que se preocupe com a sua segurança.

Mas, inquieto com aquela mudança de comportamento nas populações locais, propõe que alguém vá com ele fazer um reconhecimento por aquelas zonas, pois entende necessário fazer algo antes que se desencadeiem acontecimentos semelhantes aos de Luanda. O alferes Caçorino vai ao QG comunicar a conversa e o subchefe do estado-maior sugere-lhe que acompanhe o topógrafo.

Sai de Luanda com o alferes João Afonso Cardoso Fiadeiro, «ambos à civil disfarçados de topógrafos e com as armas escondidas, pouco antes do 15 de Março» para o noroeste da província, onde percorrem «algumas aldeias, conversando com os chefes nativos, com os régulos. O Matos conhecia-os a todos e foi fazendo perguntas, concluindo que algo de grave se passava».

Em 15Mar61 eclode o terrorismo por todo o Congo Português, os dois alferes e o topógrafo estão naquela região e passados alguns dias, em Luanda são dados como mortos; mas nada lhes acontece e apenas quando regressam à capital tomam conhecimento dos massacres.

O efectivo militar em Angola está quase todo concentrado na capital, sendo o Regimento de Infantaria (RI20) composto por pouco mais de mil homens quase todos africanos, enquadrados por militares europeus; as unidades metropolitanas existentes são muito poucas e não se sabe qual o grau de subversão dos acontecimentos, nomeadamente até que ponto as subunidades africanas estarão afectadas. Existe o receio de empregar esses efectivos em acções de combate, até porque são unidades fortemente armadas e há que ter em conta a possibilidade de se passarem para o inimigo.

No dia 23Mar61 a norte do rio Lifune perto do Ambriz, um bando terrorista da UPA assalta a Fazenda Tábi e massacra uma família completa: o capataz Manuel da Paz Taíinha (de 28 anos), natural de Azóia de Cima (Alcanede); sua mulher Maria dos Anjos; e seus três filhos menores (uma criança de 3 anos e dois gémeos de 5 meses).

Na sequência dos ataques urbanos nas madrugadas de 4Fev61 e 11Fev61 em Luanda, e dos massacres terroristas da UPA nos matos do Norte, o alferes Caçorino cumpre missões atribuídas à CPM233, na capital angolana e nos subúrbios:

– *«Fazíamos operações tais como rusgas, patrulhamentos, escoltas. Um amigo meu morreu numa operação [perto da sanzala Mussungu, junto à mata Canacanjungo na área de Cassoneca], a cerca de 30 quilómetros de Luanda. Era o [comandante do PelPM5] tenente de cavalaria Jorge Cabelreira Filipe, que foi [em 05Mai61] para Angola já depois de ter rebentado a guerra, na mesma unidade de Polícia Militar. Andávamos à caça juntos, em zonas perigosas. Tinham apanhado um sentinela inimigo que se apresentou alegando desacordo com os quadros, e disponível para nos conduzir ao quartel inimigo. A operação foi feita [em 03-04Ago61] de noite» [e Caçorino escolheu] «os seus 3 melhores soldados, e o tenente Filipe levava os seus 3 melhores soldados. Ao todo éramos oito. O capitão [comandante da CPM233] autorizou a missão, muito fora da área de acção da mesma. A ideia era localizar o inimigo, cerca de 500 homens, havendo uma companhia de caçadores [CCac168] com responsabilidade sobre aquela zona. O grupo caiu numa emboscada [da UPA] em zona arborizada, onde os turras puseram barricas em cima das árvores com comida e munições, ficando à espera das nossas tropas, que foram localizadas e depois atacadas por um grupo mais numeroso».*

Em primeiro lugar ia o guia, Caçorino em segundo com os seus três soldados, depois o tenente Filipe e os seus três soldados, todos afastados uns dos outros: Caçorino ia *«na frente com o “guia”, que morreu imediatamente, enquanto os sobreviventes retiraram rapidamente pois o inimigo tinha armas automáticas. Jorge Filipe estava ferido com dois tiros no abdómen. Morreu o guia, morreu ele e, mais atrás, na companhia de caçadores que estava relativamente perto, havia mais dois mortos. O Jorge Filipe não morreu logo, chegou a ser operado [em 05Ago61] mas no dia seguinte morreu».*

Em 12Set61, o CCFAA emite um despacho para criação de uma força especial de contra-guerrilha. As unidades mais eficazes de que se dispõe são as de *Caçadores Especiais*, indiscutivelmente bem preparadas na Metrópole, na antevisão do que seria o terreno em África; mas começa a verificar-se que não possuem características essenciais para certo tipo de operações, exigidas pela guerra que se está a desenrolar.

Nos finais de 1961 o novo CEM/QG-RMA, durante uma viagem de trabalho *«um dia passou pelo rio Danje e viu numa zona de mato 3 ou 4 brancos a viver em situação idêntica à dos africanos»*, ou seja, que sobrevivem cafealizados no interior da floresta, pelos seus próprios meios e sem reabastecimento civilizacional: desta observação surge-lhe a ideia de criar unidades de combate com características semelhantes, em particular com a possibilidade de permanecer no mato longos períodos de tempo, sem ter de recorrer a reabastecimentos; e assim *«emitiu uma ordem de serviço dirigida a oficiais, sargentos e praças dos três Ramos das FA's, que estivessem dispostos a participar em missões especiais. Ofereceram-se pessoas [entre as quais Caçorino], fez-se uma experiência mas não resultou.»*

– «Foi o [director do CITA] major [CEM de cavalaria] Pedro [Alexandre Gomes] Cardoso, que foi a Paris contactar e recrutar [o repórter fotográfico italiano do “Paris-Match”, Cesare] Dante Vacchi. Este fez duas operações [no final de Fev62] com um grupo [do BCac280] comandado por um alferes [miliciano de infantaria João Vieira Pereira], em Noqui, pelo que foi chamado depois a Luanda: acompanhado de uma jornalista, Anne Gauzes, contava histórias que tinha estado na Indochina, na Argélia, etc.; e propuseram-lhe colaborar na formação de uma tropa especial, os comandos».

Por outro lado, com a chegada de mais batalhões para reforço do contingente metropolitano já instalado em quadrícula, a CPM233 passa a desempenhar em Luanda (cidade), as missões adequadas à sua função de Polícia Militar; e deste modo, «depois de operações de rusgas em bares» para as quais não se sente vocacionado, o alferes Caçorino pede para ser transferido de unidade. «Entretanto tinha sido ferido o capitão Xavier de Brito, do batalhão do tenente-coronel Spínola, que estava em Bessa Monteiro»; (o citado oficial foi gravemente ferido num braço em 25Abr62, durante uma operação do ECav253 no Quidilo).

– «O chefe do estado-maior tenente-coronel Bethencourt Rodrigues não deu autorização. Pouco depois, foi ferido [em combate e evacuado] um alferes do batalhão [BCav350] que [...] comandava [na CCav351 do capitão Joaquim Rodrigo Nest Arnaud Pombeiro], um pelotão isolado [desde 04Mar62] no mato perto de Mucondo».

Antes de cessar funções na CPM233, participa em Luanda numa “rebita”.

Depois apresenta-se no Mucondo, onde lhe é confiado o comando do citado pelotão: os seus 40 novos subordinados estão acantonados numa fazenda dos arredores do Mucondo, umas das povoações massacradas há um ano e completamente abandonada, competindo aos militares fazer operações de limpeza na área do subsector atribuído.

Depara-se-lhe um pelotão chegado da MetrÓpole em 21Jan62 com instrução militar deficiente; e os melhores da CCav351 estão seleccionados noutra pelotão e noutra zona, sob comando do tenente miliciano Álvaro Manuel Alves Cardoso:

– «Quando cheguei não fui recebido de modo particularmente caloroso, mas penso poder dizer que consegui, pouco tempo depois, prepará-los militarmente e motivá-los psicologicamente de uma forma muito positiva. Este último aspecto é muito importante, pois um soldado orgulhoso de si próprio é sempre um soldado que vale mais, em qualquer circunstância, do que um outro que em si próprio não tem confiança. Rapidamente esses homens se tornaram muito bons soldados. Com eles levámos a cabo algumas operações importantes e, ao fim de pouco tempo, tínhamos a zona razoavelmente pacificada. Basta dizer que, poucos meses depois, o pessoal deixou de usar as habituais blindagens nas viaturas e recorde-me de ter saído várias vezes para caçar, numa viatura, só com o condutor e um outro soldado. É mais ou menos por esta data que surge a ideia da criação dos Comandos».

Começa a ser planeado, um campo de instrução para vir a ser instalado em Zemba: ali perto, encontra-se o abandonado posto administrativo do Mucondo, onde o alferes de cavalaria Caçorino está a comandar um pelotão da quadrícula de cavalaria, mas desejoso de fazer algo mais substancial pelo sucesso do Exército português.



No final de Mai62, é escolhido para integrar o corpo de instrução do CI21. Sai da subunidade onde estava, «para dar instrução ao primeiro curso de comandos, com um conjunto de instrutores escolhidos em combate, entre eles Dante Vacchi. A ideia-base era recrutar de cada batalhão operacional do norte [SubSecD-ZIN], um grupo que fizesse operações de comandos, sem definição da dimensão humana de grupos. [O grupo ‘Aço’, de Caçorino] tinha 19 homens, outros grupos tinham à volta de 30. A instrução em zona de combate tinha a dupla missão de instruir os grupos de comandos e pacificar a zona».

Em 25Jun62 inicia a preparação para as novas funções: instrutor de Tática e de Ligação, no Corpo de Instrução dos primeiros “grupos especiais de contra-guerrilha”, do Exército Português.

A primeira coisa que fez, foi «comandar um grupo que ia para o norte, mas Dante Vacchi não queria ir por desacordos mútuos. Acabou por ir, num grupo de 18 homens. Chegados à última parte do percurso (80 ou 90km), onde existia situação de guerra» e passaram «pela unidade que tinha estado há poucos dias entre Zemba e Mucondo, correndo boatos sobre o potencial inimigo», teve Caçorino que «levar Vacchi quase à força para o quartel do CI21».

– «Estas unidades entraram em combate em muitas ocasiões. Por vezes sucedia sermos emboscados, mas era também frequente sermos nós a procurar o contacto com o inimigo, atraindo-o a ciladas ou planeando ataques a posições previamente identificadas. Em geral, depois de seleccionado o objectivo a atingir, aguardávamos as condições mais propícias: ausência de luar, chuva intensa, etc. Depois, durante a progressão até ao objectivo e no confronto, todo o esforço empregue na preparação dava os seus frutos. Na zona onde desenvolvíamos estas operações existiam populações civis – o que coloca sempre alguns problemas, em particular o de compreender qual o tipo de relacionamento que têm como o inimigo. Sucedeu que uma vez tive uma conversa prolongada com um aldeão de uma localidade perto da nossa unidade. Recaiam sobre este homem algumas suspeitas de envolvimento com as forças inimigas e aproveitei a conversa para lhe explicar o ponto de vista das forças armadas portuguesas e, ao mesmo tempo, tentar perceber para onde pendiam as suas simpatias. A troca de impressões corre de uma forma amena, mas serviu apenas para acentuar as suspeitas que sobre ele já existiam. Dias depois sofremos uma emboscada muito violenta: a viatura onde eu seguia foi atingida por um impacto directo de uma bazooka, o que provocou várias baixas, e eu fui projectado por alguns metros. Sob um fogo muito intenso ripostámos ao inimigo e, quando parecia que já tínhamos conseguido sacudir a pressão, vejo avançar, correndo em direcção a nós, um combatente inimigo. Perto de mim alguém disparou uma rajada que o abateu. Quando, tendo tudo passado, me aproximo para examinar o corpo caído, verifico que era o aldeão com quem falara alguns dias atrás. Mas a grande maioria das populações com quem contactávamos, compreendia a nossa actuação e era a nosso favor. Existiam inclusivamente grupos da população local, nomeadamente de determinadas etnias, que se tinham armado e que conduziam operações de combate contra posições inimigas, sem qualquer interferência do Exército Português».

Em 28Fev63, termina a sua missão militar em Angola e regressa à Metrópole, com o posto de tenente, «tendo feito a guerra com as melhores tropas de que as Forças Armadas então dispunham – e que eram precisamente estes grupos de Comandos, com experiência de combate».

Em Lisboa comenta com outros oficiais, que «a guerra, tal como está a ser conduzida, não tem vitória militar possível; mesmo se toda a tropa que está no Ultramar tiver a eficácia dos Comandos, o problema tal como está militarmente a ser encarado, não tem solução»:

– «É sempre possível ao inimigo dar uma espingarda e umas minas, mesmo a um miúdo de 14 anos e dizer-lhe: “Agora vai para ali e faz a guerra”. O miúdo vai e se é bom atirador, mesmo a mil metros pode matar um soldado ou um capitão; este morre e ninguém sabe de onde veio o tiro, não o conseguem apanhar; e depois vai para uma estrada onde passam colunas militares e com toda a facilidade coloca uma mina e provoca algumas baixas ao Exército português. Quando regresssei da minha primeira comissão tentei, com outras pessoas, sensibilizar alguns sectores da juventude, alertando-os para a necessidade de prosseguir o esforço de guerra pois o contrário – como infelizmente o tempo veio a provar –, seria mais desastroso para as populações. Mas esta nossa actuação tinha de ser feita com muita discrição pois o próprio regime, embora dizendo que prosseguia os mesmos objectivos, não permitia que se falasse do assunto. Nos primeiros anos do conflito, e ainda para mais com a recordação ainda muito viva dos horríveis massacres cometidos pelo inimigo sobre populações civis, as pessoas, na sua grande generalidade, não se interrogavam sobre a justeza ou não da guerra que fazíamos. Toda a gente achava que era seu dever defender o País, cumprindo o serviço militar obrigatório onde quer que fosse preciso. Este era de facto o estado de espírito durante os primeiros anos, e foi contra este estado de espírito que o inimigo começou também a actuar».

– «Uma das razões também porque perdemos politicamente (e não militarmente) a guerra, foi a proibição sistemática de se fazer operações fora do território nacional, para atacar as bases do inimigo onde era mais vulnerável. Fizemos algumas [Caçorino também], mas sempre por conta e risco próprios».

– «*Em Moçambique surgiram comandos, penso que em Porto Amélia. A primeira experiência foi em 1964 e o comandante, general Caeiro Carrasco, ultrapassando todas as regras mandou distribuir boinas vermelhas àqueles grupos de comandos. Após o sucesso em Angola, Dante Vacchi foi fazer uma conferência em Moçambique, [e também Caçorino] em Lourenço Marques sobre a actuação dos comandos em Angola. Depois foi uma questão de mais um ano ou dois e formaram-se os comandos em Moçambique, constituídos por recrutamento local em regime voluntário. Na Guiné surgiram comandos em Bissau, constituídos por voluntários*».



No verão de 1964 é nomeado pelo RC7 para integrar o BCav757, a ser mobilizado com destino ao norte da Guiné: mas em 05Jan65, as respectivas subunidades operacionais seguem rumo a Moçambique.

Desembarcada a 23Jan65 em Lourenço Marques, a CCav754 do capitão de cavalaria 'comando' José Pedro Simões Caçorino Dias, é enviada pouco depois para o ocidente distrital do Niassa, onde fica adstrita ao BCac598 e aquartelada em Vila Cabral.

A partir de Abr65, «*submetida a intensa actividade operacional*», instalou-se sucessivamente em Sonja, Mapunda, Maniamba e Ambuzi.

Em finais de Mai65 muda para o subsector adjacente ao Lago Niassa e fica sediada em Nova Coimbra: toma parte em todas as acções na faixa lacustre desde Messumbe ao Lipoche.

Em 31Mai65 a sua companhia tem as primeiras baixas mortais: no itinerário para Miandica, um pelotão é alvo de emboscada que causa vários feridos graves e quatro mortos: o segundo-sargento Joaquim Fernando, os soldados Manuel Fiúza Parente das Bouças, e Manuel Henriques Monteiro; e o soldado Manuel Luís Prazeres Lima, que reage ao fogo inimigo sendo mortalmente atingido pela explosão de granada-de-mão inimiga (agraciado a título póstumo com a Cruz de Guerra de 4ª Classe).

– «*Acção na zona de Nova Coimbra. Outra unidade que tinha chegado foi para Miandica, a norte de Nova Coimbra dezenas de quilómetros. Simulou-se um reabastecimento e, sabendo-se de 4 ou 5 locais prováveis de emboscada, uma unidade colocada a norte iria cobrir esses locais. Mas quando chegam não estavam ocupados pelas nossas tropas mas pelo inimigo, que atacou com armas automáticas ligeiras, granadas-de-mão e LGF, provocando alguns mortos e bastantes feridos na coluna [de Caçorino]. A rápida reacção das nossas tropas pôs em fuga o inimigo. Um dos turras ficou cortado ao meio com rajada de metralhadora. [Quando Caçorino atacou viu] só um soldado, pensando que os outros não reagiram por medo. [Quando voltou atrás percebeu que] eles estavam feridos e outros mortos. O capitão deitado no chão de barriga para baixo, com a pistola enterrada na barriga, gravemente ferido (não morreu)*».

Em 18Jun65, durante operação nocturna perto do Ambuzi, as tropas do sector de Vila Cabral sofrem uma emboscada: o tenente de infantaria Manuel Belarmino da Silva Carvalho Araújo, da 4ª/BCac20, desloca-se para reagrupamento da coluna e acciona uma mina, a qual lhe provoca a morte, (vindo a ser agraciado a título póstumo, com uma Cruz de Guerra de 2ª Classe).

O capitão Caçorino é gravemente ferido na cara e nos olhos: perde parcialmente a visão; evacuado inicialmente para a enfermaria do sector em Vila Cabral e dali para o HM125-Nampula, de onde é aerotransportado para o hospital militar em Lourenço Marques.

Em 11Ago65 recebe, do comandante da RMM, um louvor por distinção em acções de combate.

Em 21Fev67 é agraciado com uma Cruz de Guerra de 1ª Classe.

Em 15Mai67, a sua subunidade inicia a torna-viagem, mas o capitão Caçorino permanece internado no HM de Lourenço Marques.

Em 1968 regressa à Metrópole.

- «Quando regresssei do Ultramar, ferido, e tendo de estar em casa pois não via absolutamente nada – só recuperei um pouco da visão cerca de ano e meio depois –, era a minha mulher que tinha de ir buscar o meu ordenado ao Depósito Geral de Adidos. Numa dessas viagens que fazia de comboio, pois não tínhamos automóvel, um senhor, de ar bem instalado na vida, começou a perorar em voz alta, na carruagem onde a minha mulher se encontrava, repetindo em tom violento os chavões que começam a circular: “A guerra nunca mais acaba lá em África porque os oficiais ganham uma fortuna e enriquecem todos com aquilo”, e outras afirmações do mesmo teor. E, apontando pela janela para umas moradias que se viam, exclamou “Aquilo ali é tudo de capitães!”. As pessoas ouviam, em silêncio, e a minha mulher ia, pouco a pouco, perdendo a paciência. A arengada continuava e a certa altura o fulano decidiu entrar em pormenores de vencimentos, mencionando somas fabulosas. Ora, na altura da minha última comissão eu ganhava 7.500\$00 escudos (em 1967, equivalente em 1995 a 318.750\$), muito longe de uma fortuna, mesmo para os valores da época, e sendo, diga-se também, responsável por uma zona com uma área apenas ligeiramente inferior à área de Portugal Continental! Com o nível das calúnias a chegar ao intolerável, a minha mulher interrompeu-o chamando-lhe mentiroso, pedindo-lhe um mínimo de provas para o que estava a afirmar, e sugerindo-lhe que, já que se ganhava tão bem combatendo em África, porque não ia ele para lá enriquecer também? O curioso da história é que, com a resposta indignada da minha mulher, os outros ocupantes da carruagem, que até ali se tinham mantido em silêncio, começaram a protestar contra o tal homem, a tal ponto que ele teve de abandonar a carruagem precipitadamente na estação seguinte, debaixo dos insultos de toda a gente que, seja qual fosse a opinião que tivessem da guerra, não partilhavam obviamente das mentiras que, pouco a pouco, alguns agitadores iam infiltrando na sociedade portuguesa.»
- «Hoje em dia ninguém tem dúvidas, de que o inimigo que nós combatíamos não eram os africanos. Se outra razão fosse precisa, bastava por exemplo observar os bonés e punhos das fardas dos soldados da Frelimo, ornados de foices e martelos. O inimigo que combatíamos era o comunismo internacional, e aqueles pobres homens mais não eram que o braço armado, naquela zona, de um comunismo na altura muito poderoso. E também ninguém tem de ter ilusões de que esse inimigo, pouco a pouco, de uma forma sistemática e progressiva, começou a minar a população nacional com vista a comprometer o desfecho da guerra. Quanto à questão das baixas, também é necessário dizer algo pois parece-me que esta questão tem sido excessivamente dramatizada. Digo-o com todo o à-vontade pois estive várias vezes debaixo de fogo, comandeí unidades que, pela própria natureza das suas operações, se encontram entre as que mais baixas acabaram por sofrer, e eu próprio fui ferido com gravidade. A guerra do Ultramar não foi uma guerra de grandes baixas. Dizia-se na altura, e é verdade, que morria mais gente nas estradas de Portugal do que em combate. Aliás, um dos erros do poder político vigente, e talvez ainda mais dos comandos militares, foi o de não ter conseguido desdramatizar a questão das baixas. De facto, quando se pensa que passaram por África entre setecentos mil a um milhão de homens (não conheço os números exactamente, mas são desta ordem), os números das baixas são pouco significativos. Mesmo se só levarmos em conta os homens que de facto entraram em combate, o número de baixas não é excessivo. Embora numa guerra do tipo daquela que travámos as baixas fossem particularmente duras do ponto de vista psicológico – porque normalmente não se sabe de onde vem o tiro, o inimigo não se vê, quando a reacção ao tiro se processa já o inimigo retirou –, em termos numéricos este tipo de actuação não se traduz de uma forma muito dramática. É claro que, em algumas unidades, e particularmente nos Comandos, esses números têm uma expressão mais pesada, mas é também preciso lembrar que foram estas unidades que infligiram mais baixas ao inimigo.»

Além da referida Cruz de Guerra de 1ª classe, tem as seguintes condecorações: Medalhas de Mérito Militar (3ª, 2ª e 1ª Classe); e Medalha de Ferimento em Combate.

Integra, em 26Abr-19Mai73, a comissão executiva de Lisboa, do Congresso dos Combatentes (realizado em 01-03Jun73 no Porto).

Pouco após o 'putsch' de 25Abr74, organiza e dinamiza no Largo de Camões em Lisboa – defronte ao pedestal da estátua do guerreiro-poeta –, a celebração do '10 de Junho', perante meia-dúzia de contestatários arregimentados pelo galopante esquerdismo castrense e paisano.
Em 16Jul74, mandatado pelo presidente da República e da JSN general Spínola, vai de avião para Luanda, com dois outros militares, a fim de procurar evitar a desmoralização das Forças Armadas. No dia 05Ago74 regressa, definitivamente, à Metrópole.



Em 12Mar75 fica colocado em Ponta Delgada, na chefia da 2ªRep/QG-CTI dos Açores.

É um dos primeiros sócios da Associação de Comandos, (fundada em 14Nov75).

Em Ago76 regressado de Ponta Delgada a Lisboa, fica colocado na Academia Militar como oficial de relações públicas, exercendo a chefia do Gabinete de Informação Interna, Relações Públicas e Acção Cultural.



Em 1992 passa à reforma extraordinária, com o posto de coronel.

Comendador da Ordem Militar de Avis (09Jun1993).

Publica artigos de opinião em jornais nacionais.

Desde 1994, co-organizador das comemorações do "Dia 10 de Junho", defronte ao Memorial Nacional "Aos Combatentes do Ultramar".

Em 21Mar1996, co-fundador e presidente da associação cívica "Movimento 10 de Junho".



fontes primárias:

- depoimentos do epigrafeado, concedidos em 1994 (in "A Guerra de África", e "Os Últimos Guerreiros do Império");
- conhecimento pessoal, do autor, com o epigrafeado.

fontes secundárias:

- "Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África";
- revistas 'Jornal do Exército', 'Combatente', 'Mama Sume', 'Lanceiro-Mor'.